

RESUMO - CIÊNCIAS DA SAÚDE

O USO DA CANNABIS MEDICINAL PARA O TRATAMENTO DA DOENÇA DE ALZHEIMER

Isabela Alves Costa (isabela0609alves@gmail.com)

Maria Luiza Luiza Moraes (moraescarrilhomarialuiza@gmail.com)

Willy Cristiano Luz Alves (willy.alves@afya.com.br)

Izidorio Ferreira De Miranda Neto (izidoriomiranda136@gmail.com)

Introdução: A Doença de Alzheimer (DA) é uma patologia neurodegenerativa progressiva e irreversível, caracterizada por declínio cognitivo, alterações comportamentais e comprometimento funcional, representando um dos maiores desafios da saúde pública contemporânea. Apesar dos avanços no entendimento de sua fisiopatologia, os tratamentos atualmente disponíveis são predominantemente paliativos e não interferem de forma significativa na progressão da doença. Nesse contexto, a cannabis medicinal tem emergido como uma alternativa terapêutica promissora, em virtude das propriedades neuroprotetoras, antioxidantes e anti-inflamatórias atribuídas aos fitocanabinoides, especialmente o canabidiol (CBD) e o tetrahydrocannabinol (THC). Evidências científicas recentes indicam que esses compostos podem modular o sistema endocanabinoide, reduzir a neuroinflamação e os depósitos de β -amiloide, contribuindo potencialmente para a melhora de sintomas cognitivos e comportamentais. Objetivos: Analisar os benefícios, desafios e perspectivas clínicas do uso terapêutico da cannabis medicinal na Doença de Alzheimer, considerando seus mecanismos de ação, as evidências clínicas

disponíveis e as implicações regulatórias. Metodologia: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, baseada na análise de artigos científicos publicados em bases de dados relevantes. Foram incluídos estudos que abordaram os mecanismos de ação dos canabinoides, sua eficácia clínica, segurança, tolerabilidade e limitações metodológicas no contexto da DA. Resultados e Discussão: As evidências disponíveis sugerem que compostos canabinoides, especialmente THC e CBD, podem ser eficazes no controle da agitação e de sintomas neuropsiquiátricos associados à DA, apresentando taxas relativamente baixas de efeitos adversos. Do ponto de vista mecanístico, os potenciais benefícios incluem modulação de neurotransmissores, redução da neuroinflamação, inibição da agregação de β -amiloide e da proteína Tau, além de possível estímulo à neuroplasticidade. Entretanto, revisões sistemáticas apontam limitações importantes, como curta duração dos estudos, pequeno tamanho amostral e heterogeneidade nos critérios metodológicos, posologias e formulações utilizadas, o que restringe a robustez das conclusões. Metanálises mais amplas indicam melhora de sintomas neuropsiquiátricos e boa tolerabilidade, porém ainda sem evidência suficiente para recomendações clínicas definitivas. Conclusão: Conclui-se que, embora a cannabis medicinal represente uma abordagem terapêutica promissora na Doença de Alzheimer, as evidências atuais não são suficientes para considerá-la superior às terapias convencionais. São necessários estudos futuros com amostras maiores, protocolos padronizados, acompanhamento de longo prazo e critérios metodológicos homogêneos para consolidar sua aplicabilidade clínica e segurança.

Palavras-chave: doença de alzheimer; cannabis medicinal; canabinoides; canabidiol (cbd).